

O conhecimento dos alunos do ensino médio do interior do estado do Amazonas sobre educação financeira

The knowledge of high school students from the interior of the state of Amazonas about financial education

El conocimiento de estudiantes de secundaria del interior del estado de Amazonas sobre educación financiera

Recebido: 16/01/2023 | Revisado: 28/01/2023 | Aceitado: 29/01/2023 | Publicado: 02/02/2023

Rafael Bernhard

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5435-8073>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: rafbernhard@gmail.com

Eloá Arevalo Gomes Fraga

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0097-1002>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: eagomes@uea.edu.br

Roseane de Paula Gomes Moraes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3290-9385>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: rpgmoraes@uea.edu.br

Alisson Nogueira Cruz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6674-880X>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: alissonnogueiracruz@gmail.com

Bruno de Souza Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9924-8430>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: bdsr.bio21@uea.edu.br

Guilherme Cardoso Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5206-7130>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: gcr.bio17@uea.edu.br

Lana da Silva Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5878-5678>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: lsl.bio18@uea.edu.br

Rickelmy Martins de Holanda

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1671-2657>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: rickelmy1306@gmail.com

Silas Felipe Mendes Lopes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1616-3870>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: sfml.bio20@uea.edu.br

Suzana da Silva Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4968-9350>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: sdsb.bio19@uea.edu.br

Thamiles Brito Seixas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8871-4475>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: tbs.mat19@uea.edu.br

Willison Pinto da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7202-2936>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: wpds.mat21@uea.edu.br

Silvia Regina Sampaio Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2987-7837>
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: srfreitas@uea.edu.br

Resumo

O presente estudo teve por objetivo identificar o nível de conhecimento sobre educação financeira entre os alunos do ensino médio de escolas públicas, bem como o seu perfil socioeconômico; hábitos de consumo e de poupança; fontes de informação sobre o tema; os tipos de abordagem sobre educação financeira recebida pelos alunos do ensino médio em Tefé-Amazonas. A pesquisa foi realizada com 253 alunos de seis escolas através de questionário impresso. Entre os alunos entrevistados, 52,6% eram do gênero feminino, 43,1% do gênero masculino e 4,3% não quiseram responder. As idades variaram de 15 a 24 anos. Quanto ao nível socioeconômico, a maioria declarou renda mensal familiar de até dois salários mínimos com a mãe como a pessoa que mais contribui na renda. A maioria não tem nenhuma fonte de renda proveniente de trabalho ou estágio, recebendo algum dinheiro dos pais e podendo de maneira geral usar como quiser. O hábito de economizar esteve presente na maioria das respostas, mas para menos da metade deles sobra algum dinheiro ao final do mês. A escola foi considerada a maior fonte de informação sobre educação financeira, seguida da internet. Em relação ao conhecimento, os alunos se sentiram mais seguros quando os temas abordavam dinheiro, poupança, investimento, consumo consciente e classificação dos gastos. O desconhecimento sobre os juros cobrados pelas empresas de cartão de crédito e a insegurança sobre o tema correção monetária pode tornar os entrevistados mais suscetíveis ao endividamento.

Palavras-chave: Educação financeira; Escola; Economia.

Abstract

This study aimed to identify the level of knowledge about financial education among high school students from public schools, as well as their socioeconomic profile; consumption and saving habits; sources of information on the topic; the types of approach to financial education received by high school students in Tefé-Amazonas. The survey was carried out with 253 students from six schools through a printed questionnaire. Among the students interviewed, 52.6% were female, 43.1% male and 4.3% did not want to answer. Ages ranged from 15 to 24 years. As for the socioeconomic level, the majority declared a monthly family income of up to two minimum wages, with the mother as the person who contributed the most to the income. Most do not have any source of income from work or internship, receiving some money from their parents and generally being able to use it however they want. The habit of saving was present in most responses, but for less than half of them there is some money left over at the end of the month. The school was considered the largest source of information on financial education, followed by the internet. Regarding knowledge, students felt more secure when the topics addressed money, savings, investment, conscious consumption and classification of expenses. Lack of knowledge about the interest charged by credit card companies and insecurity about monetary correction can make respondents more susceptible to debt.

Keywords: Financial education; School; Economy.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo identificar el nivel de conocimiento sobre educación financiera entre estudiantes de secundaria de escuelas públicas, así como su perfil socioeconómico; hábitos de consumo y ahorro; fuentes de información sobre el tema; los tipos de abordaje de la educación financiera que reciben los estudiantes de secundaria en Tefé-Amazonas. La encuesta se realizó con 253 estudiantes de seis escuelas a través de un cuestionario impreso. Entre los estudiantes entrevistados, el 52,6% eran mujeres, el 43,1% hombres y el 4,3% no quisieron contestar. Las edades oscilaron entre los 15 y los 24 años. En cuanto al nivel socioeconómico, la mayoría declaró un ingreso familiar mensual de hasta dos salarios mínimos, siendo la madre la persona que más aportaba al ingreso. La mayoría no tiene ninguna fuente de ingresos por trabajo o pasantía, reciben algo de dinero de sus padres y, en general, pueden usarlo como quieran. El hábito del ahorro estuvo presente en la mayoría de las respuestas, pero a menos de la mitad de ellas les sobra algo de dinero al final del mes. La escuela fue considerada la mayor fuente de información sobre educación financiera, seguida de Internet. En cuanto al conocimiento, los estudiantes se sintieron más seguros cuando los temas abordaron dinero, ahorro, inversión, consumo consciente y clasificación de gastos. La falta de conocimiento sobre los intereses que cobran las compañías de tarjetas de crédito y la inseguridad sobre la corrección monetaria pueden hacer que los encuestados sean más susceptibles a endeudarse.

Palabras clave: Educación financiera; Escuela; Economía.

1. Introdução

A redução da inflação e a estabilidade econômica no Brasil nas últimas décadas fizeram o poder de consumo da população aumentar. No entanto, esse poder de consumo pode vir acompanhado de juros e dívidas e torna-se importante que os usuários saibam como gerir o dinheiro e usufruir da melhor maneira os benefícios econômicos (Banco Central do Brasil [BACEN], 2013). Sem a devida orientação, essa facilidade de crédito e acesso a produtos, é vista como uma das principais causas de endividamento dos consumidores (Augustinis et al., 2012).

A educação financeira (EF) traz o conhecimento necessário sobre comportamentos básicos da população e contribui para melhorar a qualidade de vida das pessoas e da sociedade. Logo, é um instrumento para orientar nas decisões financeiras dos indivíduos, o uso consciente do dinheiro, evitando endividamento e como poupar e investir para um plano futuro (BACEN, 2013; Lima, 2018; Sousa et al., 2022).

A prática da educação financeira retrata de modo direto o comportamento econômico da comunidade e assim, é notório que o hábito de um consumidor está ligado ao endividamento pessoal, desenvolvimento econômico e a capacidade de investimento de um país (Sousa et al., 2022).

A EF tornou-se um importante complemento à conduta do mercado, à regulação prudencial (regulação financeira que estabelece requisitos para as instituições financeiras, com foco no gerenciamento de riscos e nos requerimentos mínimos de capital para fazer face aos riscos decorrentes de suas atividades) e à melhoria dos comportamentos financeiros individuais, sendo hoje uma prioridade política de longo prazo em muitos países (Toledo, 2021).

Visto que a educação financeira não é um problema observado apenas no Brasil, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) publicou em 2005 um documento que mostra a importância da educação financeira para os consumidores e uma das recomendações é que ela deveria começar na escola o mais cedo possível.

Desse modo, discutir sobre educação financeira necessariamente resume-se ao ensino formal, nem apenas a um único e exclusivo grupo social para debater sobre o tema (Cunha, 2020). Entretanto, o ambiente escolar é um lugar adequado para proporcionar o desenvolvimento e ampliação do entendimento sobre múltiplos temas associados à educação financeira (Canto et al., 2018).

A partir recomendação da OECD, em 2010 foi criada pelo Decreto Federal nº 7.397/2010 a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) cujo público alvo são crianças e adolescentes em idade escolar além de adultos e aposentados com o objetivo de disseminar a EF no Brasil (ENEF, 2010). No entanto, a EF só foi reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 2016 e incluída na Base Nacional Curricular Comum como Consumo e Educação Financeira (Trevisan, 2018).

Kioyosaki e Lechter (2000) relatam que estudantes concluem o ensino médio sem nenhum conhecimento financeiro, que uma boa parte da sociedade consegue alcançar sucesso no ramo profissional, porém, depois se deparam com dificuldades financeiras. Lusardi e Mitchell (2007) comentam que indivíduos financeiramente alfabetizados cometem menos erros nas finanças pessoais do que aqueles não alfabetizados logo, ter a educação financeira na grade curricular das escolas públicas e privadas nacionais pode instruir futuros profissionais qualificados para uma sociedade moderna (Canto et al., 2018).

Em Manaus-Amazonas, a cultura da educação financeira ainda não é praticada, pois este assunto não está no contexto de suas famílias. Elas sabem que precisam poupar, reconhecem que gastam indevidamente e que precisam organizar a vida financeira delas, mas não sabem por onde começar ou se preocupam apenas com o hoje, como se o amanhã não fosse existir (Coelho et al., 2019). Os autores também relatam que é indispensável a inclusão da educação financeira na educação básica na cidade de Manaus para o alcance da população em geral, reeducação das famílias e desenvolvimento econômico-financeiro familiar.

Com a inclusão da EF como componente curricular da educação básica, os alunos serão ensinados desde cedo a usar o dinheiro corretamente, entender o que é investimento, pensar no seu futuro de forma real, alcançável e estratégica, inibindo frustrações que poderiam vir a acontecer pela falta de planejamento e transtornos que atualmente fazem parte da maioria da população manauara (Coelho et al., 2019).

No Amazonas, fora da capital Manaus existem outras regiões de destaque quando se considera a importância estratégica e econômica, sendo uma delas a região do Médio Solimões (Rodrigues, 2011). Essa região possui o maior centro urbano do estado do Amazonas, a cidade de Tefé, município que circula mercadorias, bens e capital exercendo função

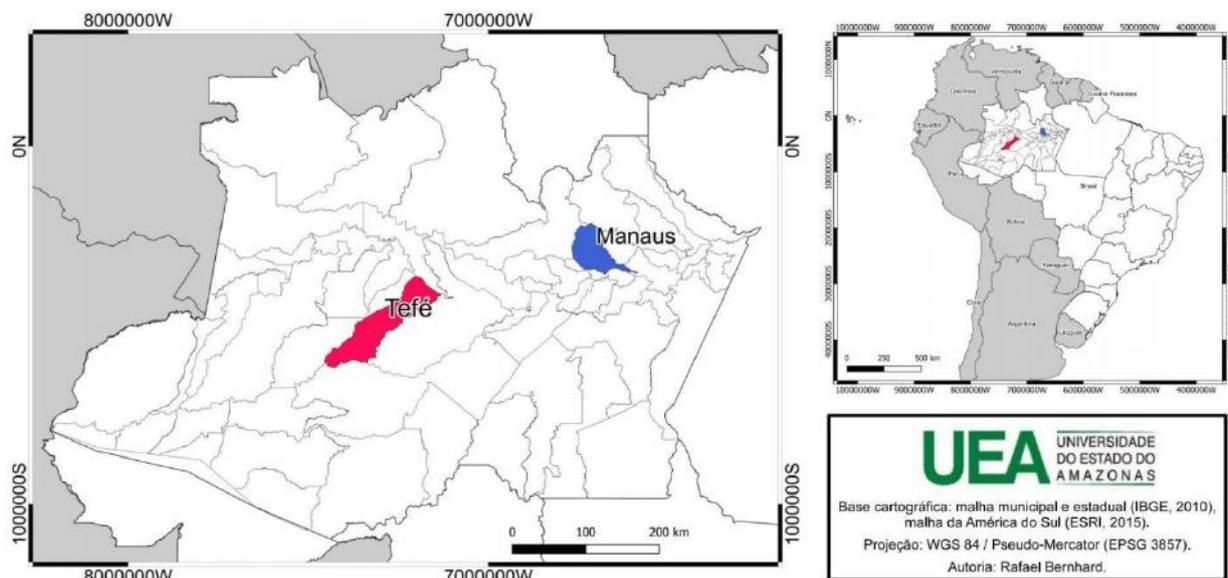
econômica sobre outros oito municípios vizinhos, com *PIB* (Produto Interno Bruto) per capita de R\$17.092,46 segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) e os trabalhadores formais recebendo em média 1,6 salários mínimos no ano de 2020 (Queiroz, 2015).

Diante deste cenário estratégico que o município de Tefé ocupa no estado, o presente estudo teve por objetivo identificar o nível de conhecimento sobre educação financeira entre os alunos do ensino médio de escolas públicas, bem como o seu perfil socioeconômico; hábitos de consumo e de poupança; fontes de informação sobre o tema; bem como conhecer os tipos de abordagem sobre educação financeira recebida pelos alunos do ensino médio em Tefé.

2. Metodologia

O município de Tefé localiza-se às margens do lago homônimo, no médio rio Solimões, estado do Amazonas. Está distante 523 km por via fluvial da capital estadual (Figura 1). Embora possua um aeroporto internacional, é pelo rio Solimões que as mercadorias e pessoas chegam e saem do município. Segundo prévia do Censo de 2022 do IBGE, o município possui uma população de 74.142 habitantes (IBGE, 2023), com Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) de 0,639 (IBGE, 2022). Em 2021 havia 4.815 alunos matriculados em 11 escolas do ensino médio no município (IBGE, 2022). Quanto à educação a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade no último censo demográfico de 2010 era de 93,9 % e a nota de 2021 do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para os últimos anos do ensino médio foi de 3, menor do que da média 3,7 do estado do Amazonas e da nota média brasileira de 4,2 (INEP, 2023).

Figura 1 - Localização do município de Tefé (AM) em escala estadual, nacional e sul americana.



Fonte: Fraga et al. (2022).

Foram escolhidas por conveniência as seis maiores escolas da área urbana do município (Tabela 1, Figura 2). Uma carta de apresentação explicando os objetivos do estudo foi entregue aos gestores das escolas para a obtenção da autorização da realização da pesquisa. Nos meses de setembro e outubro de 2022 um pouco mais de mil termos de consentimento livre esclarecidos (TCLE) foram entregues aos alunos das escolas. Entre os alunos menores de 18 anos foi exigida a assinatura dos pais ou responsáveis mas os alunos maiores de 18 anos assinaram os seus próprios termos. Durante a entrega dos termos foi-lhes explicado o objetivo do projeto, o caráter voluntário e não obrigatório da participação na pesquisa e a confidencialidade dos dados coletados.

Para os 253 alunos que trouxeram os TCLEs assinados foi aplicado um questionário impresso com questões referentes ao perfil socioeconômico (idade, gênero, renda familiar, número de pessoas na residência, renda pessoal) bem como sobre as suas fontes de informação sobre educação financeira e sobre o seu conhecimento a respeito do assunto. Foi utilizada, portanto, a metodologia de pesquisa por sondagem, onde o questionário semiestruturado permite a produção de porcentagens sobre os aspectos de uma população (Fowler, 2009).

As respostas foram tabuladas em planilha eletrônica e analisadas através de estatística descritiva. Algumas relações entre respostas de diferentes questões foram testadas através do teste X^2 (Vieira, 2016).

3. Resultados e Discussão

Entre os 253 alunos entrevistados de seis escolas de ensino médio, 52,6% eram do gênero feminino, 43,1% do gênero masculino e 4,3% não quiseram responder a esta questão (Tabela 1). A idade média do público alvo foi de 17,1 anos (DP = 2,4) variando de 15 a 24 anos.

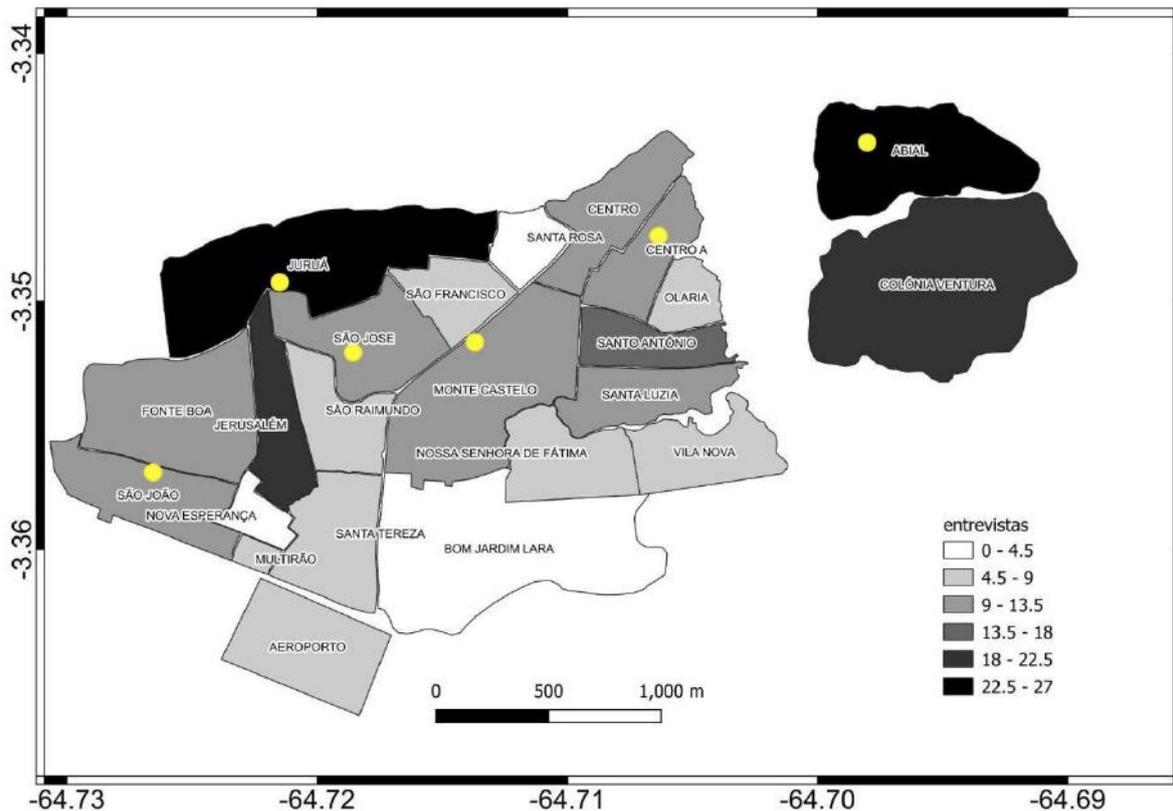
Tabela 1 - Número e percentual de questionários sobre educação financeira realizados, por escola e gênero, entre os alunos do ensino médio da área urbana de Tefé (AM).

Escola	Gênero						Total
	Feminino		Masculino		NQR		
Esc. Estadual Frei André da Costa	38	51,4%	28	37,8%	8	10,8%	74
Instituto Federal do Amazonas	41	59,4%	26	37,7%	2	2,9%	69
Esc. Estadual Profª Nazira Litaiff	16	45,7%	19	54,3%	0	0,0%	35
Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho	15	57,7%	10	38,5%	1	3,8%	26
Esc. Estadual Dep. Armando de Souza Mendes	11	44,0%	14	56,0%	0	0,0%	25
Esc. Estadual Getúlio Vargas	12	50,0%	12	50,0%	0	0,0%	24
Total	133	52,6%	109	43,1%	11	4,3%	253

Fonte: Autores.

O número de entrevistas variou, sendo maior nos bairros Juruá, Abial e Jerusalém. Não houve nenhuma resposta de alunos que residem no bairro Nova Esperança, mas esta área da cidade foi bem representada pelos bairros vizinhos (Figura 2). Cinco questionários foram respondidos por alunos que declararam morar na cidade vizinha de Alvarães, bem como em localidades do interior do município: Estrada da Agrovila além das comunidades Santa Clara, Bacuri e Vila Nova. Estes registros únicos foram mantidos nas análises seguintes pois atenderam ao pressuposto de pertencerem à comunidade escolar do ensino médio de Tefé.

Figura 2 - Número de entrevistas por bairro. Os círculos amarelos indicam a localização das seis escolas onde ocorreram as entrevistas com alunos dos três anos do ensino médio. O bairro Aeroporto ainda não possui delimitação oficial e foi representado por um losango dentro de sua localização aproximada na cidade de Tefé.



Fonte: Os autores: *Shapefile* (IDSM, 2021). *Datum* WGS 72/UTM zona 20S (EPSG: 32320).

Quanto ao nível socioeconômico, a maioria (63,2%) dos alunos declarou renda mensal familiar de até dois salários-mínimos (Tabela 2) enquanto 22,5% não quiseram responder. Em 43,0% das respostas dos alunos, a mãe é a pessoa que mais contribui na renda familiar e para 38,1% é o pai. A situação financeira da população amostral do presente estudo reflete em parte as informações sobre rendimentos estimadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Segundo o IBGE (2022), em 2020 o salário-mínimo mensal dos trabalhadores formais era de 1,6 salário-mínimo e o percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até meio salário mínimo (em 2010) era de 42,9% da população. A partir dos valores médios mensais de cada categoria da Tabela 2, dividindo-se pelo número de alunos que responderam, o salário médio familiar declarado pelos alunos ficou em 1,63 salário-mínimo, valor próximo ao do IBGE (2022). O número médio de pessoas que vivem na residência dos entrevistados foi de 5,7 (DP = 2,6) variando de 2 a 19 pessoas, valor maior do que o de 5,0 pessoas por residência ocupada encontrado no censo de 2010 para o município (IBGE, 2022).

Tabela 2 - Renda mensal familiar declarada pelos 253 alunos do ensino médio de Tefé (AM).

Renda mensal	Respostas	
Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.212,00)	84	33,2%
De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 1.212,00 até R\$ 2.424,00)	76	30,0%
De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ R\$ 2.424,00 até R\$ 6.060,00)	30	11,9%
De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 6.060,00 até R\$ 12.120,00)	5	2,0%
De 10 a 30 salários mínimos (de R\$ 12.120,00 até R\$ 36.360,00)	1	0,4%
Não quis responder	57	22,5%
Total	253	100,0%

Fonte: Autores.

A maioria (73,1%) dos entrevistados declarou não ter nenhuma fonte de renda proveniente de trabalho ou estágio, enquanto 13,8% afirmaram receber até um salário-mínimo e 2,4% de um a dois salários mínimos mensalmente em atividades remuneradas. O restante dos entrevistados não quis responder a esta pergunta. Entre os 60 alunos que têm algum tipo de atividade remunerada, 28,3% são estagiários, 23,3% têm emprego temporário e 20,0% emprego autônomo (Tabela 3). Três destes alunos declararam que são os principais responsáveis pela renda familiar em suas casas. O percentual de alunos com atividade remunerada em Tefé foi similar ao dos alunos do ensino médio de Porto Velho (RO), que chegou a 10,7% (Silva et al, 2022). Em estudo realizado com alunos do ensino fundamental de escolas públicas em Arroio do Meio (RS) o percentual de alunos que declararam realizar alguma atividade remunerada, incluindo estágio, foi de 54,9% (Steiger & Braido, 2016). Já no interior dos estados de Mato Grosso e São Paulo 27% dos alunos do ensino médio exercem alguma atividade remunerada (Sobianeck et al., 2021). Em Blumenau (SC) 42,54% dos alunos do ensino médio recebem salário (Silva et al., 2017). Todos esses estudos realizados nas regiões Sul e Sudeste indicam maior possibilidade de acesso dos estudantes do ensino médio a trabalhos remunerados, refletindo a desigualdade econômica dessas regiões com a região Norte do Brasil.

Tabela 3 - Tipo de vínculo empregatício dos alunos do ensino médio de Tefé que declararam trabalhar, por nível de escolaridade.

Tipo de vínculo empregatício	Ano do ensino médio			Total
	Primeiro	Segundo	Terceiro	
Estágio	5 41,7%	6 27,3%	6 23,1%	17 28,3%
Emprego temporário particular	2 16,7%	5 22,7%	7 26,9%	14 23,3%
Emprego autônomo	1 8,3%	5 22,7%	6 23,1%	12 20,0%
Emprego fixo particular	3 25,0%	5 22,7%	2 7,7%	10 16,7%
Servidor público	1 8,3%	1 4,5%	5 19,2%	7 11,7%
Total	12 100,0%	22 100,0%	26 100,0%	60 100,0%

Fonte: Autores.

Entre os entrevistados, 65,6% recebem algum dinheiro dos pais ou responsáveis, sendo que 58,9% podem utilizá-lo como bem entenderem e 6,7% não podem. Os que já trabalham e por isso não recebem dinheiro dos pais/responsáveis são 9,5%, os que não recebem dinheiro algum são 8,7% e os 16,2% restantes não quiseram responder. Entre alunos do ensino médio do interior do estado do Rio Grande do Sul o percentual dos que recebem mesada é mais baixo na comarca de Arroio do Meio, com 23,2% (Steiger & Braido, 2016), em Santa Maria 25% (Visentini & Weingartner, 2018) e 51,3% em escolas de Alvorada e Porto Alegre (Santos, 2011). Já em Porto Velho (RO) 21,4% dos alunos dos dois primeiros anos do ensino médio recebem mesada (Silva et al., 2022). No presente estudo, entre os 188 alunos, que recebem dinheiro, incluindo apenas os que

responderam, 43,1% recebem o dinheiro mensalmente e 29,3% sem periodicidade definida. O restante recebe seu dinheiro diariamente ou semanalmente. Diversos autores e instituições apontam a necessidade de jovens já terem a oportunidade de receber para aprender a gerir por conta própria o dinheiro (Santos, 2011; SPC, 2015; Gorla et al., 2016).

Embora mais da metade dos entrevistados conversem com seus pais sobre dinheiro e negócios (56,1%), este percentual é maior entre os que recebem dinheiro dos pais (64,5%) do que os que não recebem (50,0%) embora não tenha havido diferença estatística entre esses dois grupos ($X^2 = 1,979$; g.l. = 1; $p = 0,160$; $N = 203$) (Tabela 4). Em Blumenau (SC), 76,8% dos alunos de ensino médio falam com seus pais sobre dinheiro, principalmente sobre o uso consciente do dinheiro e sobre estudos e carreira (Silva et al., 2017). A preocupação dos pais a respeito do futuro financeiro dos filhos e o diálogo sobre esse assunto é importante. A família também deve participar do processo educativo de jovens e crianças. Dal Magro et al. (2018) concluíram que alunos de Blumenau (SC) que pouco discutem ou que não discutem sobre finanças com a família são mais propensos a não economizar e têm menor controle sobre os seus gastos. Percebe-se no presente estudo que o hábito de poupar foi um pouco maior percentualmente entre os alunos que conversam com seus pais sobre dinheiro e negócios do que entre aqueles que não conversam, embora não tenha havido diferença estatística. Não nos aprofundamos no presente estudo sobre os temas que são abordados entre pais e filhos nessas conversas, assim como no estudo de Silva et al. (2017). Compreender este aspecto e também o nível de conhecimento dos pais dos alunos torna-se importante, pois o comportamento financeiro dos pais pode acabar influenciando o dos filhos quando esses se tornarem adultos.

Tabela 4 - Número e percentual de alunos do ensino médio de Tefé (AM) que recebem algum dinheiro dos seus pais ou responsáveis e que conversam com eles sobre dinheiro e negócios. NQR = não quis responder.

Recebe algum dinheiro dos pais ou responsáveis	Conversa com pais/responsáveis sobre dinheiro/negócios			Total
	Sim	Não	NQR	
Sim	107 64,5%	54 32,5%	5 3,0%	166 100,0%
Não	23 50,0%	19 41,3%	4 8,7%	46 100,0%
NQR	12 29,3%	9 22,0%	20 48,8%	41 100,0%
Total	142 56,1%	82 32,4%	29 11,5%	253 100,0%

Fonte: Autores.

O hábito de economizar dinheiro esteve presente na maioria das respostas (63,2%), sem variação significativa entre aqueles alunos que recebem algum dinheiro dos pais ou responsáveis (62,0%) e quem não recebe (71,7%) ($X^2 = 2,390$; g.l. = 1; $p = 0,122$; $N = 181$) (Tabela 5). Apesar da maioria dos entrevistados afirmar ter o hábito de economizar, menos da metade deles (42,7%) disseram que sobra algum dinheiro ao final do mês, 45,1% afirmaram não saber e 12,3% não quiseram responder. O maior percentual de alunos que disseram sobrar algum dinheiro ao final do mês foram aqueles que também têm o hábito de poupar (61,1%). Já entre os que disseram não ter o hábito de poupar apenas 15,7% chegam ao final do mês com algum dinheiro. A diferença entre os dois grupos foi significativa ($X^2 = 29,552$; g.l. = 1; $p < 0,0001$; $N = 200$). No interior do Rio Grande do Sul 54,4% dos estudantes de ensino médio possuem poupança e 77,2% gastam menos do que recebem (Steiger & Braido, 2016). Já em outro município do interior gaúcho 69% dos alunos do mesmo nível de escolaridade afirmam economizar parte dos seus ganhos (Visentini & Weingartner, 2018). Para Steiger & Braido (2016) o hábito de poupar é um indicador de preocupação com o futuro e capacidade de planejamento para conquistar a estabilidade financeira e conquistar os seus sonhos. Já Visentini e Weingartner (2018) destacam que hábitos adquiridos nessa fase da vida podem ser reproduzidos e perpetuados quando eles forem adultos. Mazzi e Domingues (2021) chamam a atenção para o fato de que em um país onde mais da metade da população vive com menos de R\$ 500,00 por mês, enquanto o salário mínimo necessário seria de

R\$ 5.315,74, caberia também a reflexão sobre uma necessária mudança estrutural para que todas as pessoas tivessem uma vida digna. Nesse caso apenas organizar as finanças não seria suficiente para evitar o endividamento. Essa percepção da realidade econômica das famílias brasileiras precisa, portanto, ser considerada em atividades de educação financeira. A lógica liberal de livre mercado parece ser a regra entre as organizações que abordam o tema, e transferem a responsabilidade da gestão dos recursos financeiros para os indivíduos (Augustinis et al., 2012).

Tabela 5 - Número e percentual dos alunos do ensino médio de Tefé (AM) que recebem ou não dinheiro dos pais e a relação com o hábito de poupar o seu dinheiro. NQR = não quis responder.

Recebe algum dinheiro dos pais ou responsáveis	O que faz com o dinheiro que recebe			Total
	Gasta	Poupa	NQR	
Sim	39 23,5%	103 62,0%	24 14,5%	166 100,0%
Não	6 13,0%	33 71,7%	7 15,2%	46 100,0%
NQR	6 14,6%	24 58,5%	11 26,8%	41 100,0%
Total	51 20,2%	160 63,2%	42 16,6%	253 100,0%

Fonte: Autores.

Apesar de serem relativamente jovens, 43,3% deles utilizam algum tipo de serviço bancário, sendo o PIX e o cartão de crédito os principais, com 24,7% e 12,0% respectivamente. Extratos, limite de conta e outros serviços apareceram em 6,5% das respostas, 37,8% não utilizaram e 18,9% não quiseram responder. Fraga et al. (2022) realizaram um estudo sobre o comportamento dos consumidores de Tefé (AM) quanto às formas de pagamento utilizadas para pagar a conta de luz e apenas 23% deles declarou utilizar caixas eletrônicos ou aplicativos de celular. Já entre os comerciantes de Tefé, aplicativos de celular e caixas eletrônicos apareceram apenas em 33,9% e 24,0% das respostas, respectivamente (Bernhard et al., 2022). No presente estudo os alunos do ensino médio são mais jovens do que nos estudos de Bernhard et al. (2022) e Fraga et al. (2022) mas já demonstram uma familiaridade maior com o sistema bancário. Fraga et al. (2022) apontam que a precariedade da internet oferecida na cidade, assim como a idade e o grau de escolaridade tenham influência sobre o uso de aplicativos de celular tanto para transações bancárias quanto para compras *on line*. Entre a geração nova, como é o caso do presente estudo, aparentemente existe uma maior familiaridade referente ao uso de aplicativos de celular, inclusive os relacionados ao sistema bancário.

A percepção majoritária deles sobre o uso do cartão de crédito, com 49,3% das respostas, é de que o uso do cartão de crédito é totalmente benéfico, pois possibilita adiar pagamentos sem cobrança de juros. Em segundo lugar, 32,2% responderam que o cartão pode ser bom ou ruim, dependendo de como eles irão gerenciar os gastos. Para 15,6% o cartão de crédito é algo totalmente maléfico por causa das altas taxas de juros que são cobradas em caso de atraso de pagamento. Apenas 2,8% não quiseram responder a esta pergunta. Embora quase a metade dos alunos entenda que o cartão de crédito seja totalmente benéfico, 60,5% estão conscientes de que devem pagar o dinheiro de um empréstimo ao banco com correção monetária. Apenas 15,0% acreditam que o banco não cobra juros e 4,3% que o total devolvido ao banco é menor do que o que foi emprestado. Os consumidores brasileiros são bombardeados diariamente com propagandas sobre o maravilhoso mundo do cartão de crédito, seja na televisão ou nas redes sociais. Compreender a forma correta do seu uso torna-se crucial para evitar o endividamento, pois as taxas de juros do cartão de crédito rotativo no Brasil podem chegar a mais de 1000% ao ano, variando entre 7,78 e 1.221,27% entre as instituições financeiras (BACEN, 2023).

A opinião da maioria dos alunos (48,4%) sobre compras parceladas é a de que depende das condições oferecidas pelo vendedor, seguida dos 34,5% que consideram uma boa idéia (Tabela 6). Entre os alunos do primeiro ano, um percentual menor considerou o parcelamento como sendo a forma ideal de compra em relação aos outros dois anos do ensino médio. Estes

resultados não diferiram muito daqueles obtidos entre alunos do ensino médio de Arroio do Meio (RS), que dividiram suas respostas entre comprar à vista pedindo desconto (47,9%) ou comprar a prazo dependendo das condições de descontos e prazos oferecidas (46,1%) (Steiger & Braido, 2016). Já em Santa Maria (RS) 91% dos alunos de uma escola particular afirmaram já ter economizado para obter descontos em compras à vista (Visentini & Weingartner, 2018).

Tabela 6 - Opinião dos alunos do ensino médio de Tefé (AM) sobre compras parceladas, por nível de escolaridade.

Compras parceladas são uma boa maneira de adquirir os bens que você precisa?	Ano do ensino médio			Total
	Primeiro	Segundo	Terceiro	
Sim	20 28,6%	28 33,3%	39 39,4%	87 34,5%
Depende das condições oferecidos pelo vendedor	36 51,4%	43 51,2%	44 44,4%	123 48,8%
Não	9 12,9%	5 6,0%	7 7,1%	21 8,3%
Não quero responder	5 7,1%	8 9,5%	9 9,1%	21 8,3%
Total	70 100,0%	84 100,0%	99 100,0%	252 100,0%

Fonte: Autores.

Quando questionados sobre as principais fontes de informação sobre educação financeira, a escola foi a mais lembrada, aparecendo em 38,6% das respostas. Essa frequência foi ainda maior entre os alunos do primeiro ano do ensino médio (55,1%). A internet foi a segunda fonte de informação mais mencionada com 22,6% (Tabela 7). Alunos que nunca ouviram falar sobre o tema foram 10,3%, mas essa frequência foi maior entre alunos do terceiro ano e menor em alunos do primeiro ano do ensino médio. No primeiro ano do ensino médio, 95,7% dos entrevistados consideraram importante aprender sobre educação financeira. Esse percentual foi de 93,3% quando considerados todos os níveis de escolaridade.

Tabela 7 - Fontes de informação sobre educação financeira declaradas por alunos do ensino fundamental de Tefé (AM).

Onde ouviu falar sobre educação financeira	Ano do ensino médio			Total
	Primeiro	Segundo	Terceiro	
Escola	54 55,1%	37 28,5%	51 36,4%	142 38,6%
Internet	15 15,3%	34 26,2%	34 24,3%	83 22,6%
Jornais, livros ou revistas	10 10,2%	22 16,9%	19 13,6%	51 13,9%
Família	10 10,2%	20 15,4%	5 3,6%	35 9,5%
Amigos	2 2,0%	4 3,1%	8 5,7%	14 3,8%
Outro	0 0,0%	0 0,0%	1 0,7%	1 0,3%
Nunca ouvi falar sobre o tema	6 6,1%	12 9,2%	20 14,3%	38 10,3%
Não quis responder	1 1,0%	1 0,8%	2 1,4%	4 1,1%
Total	98 100,00%	130 100,00%	140 100,00%	368 100,00%

Fonte: Autores.

As principais fontes de educação financeira variam entre diferentes estados brasileiros ou em diferentes épocas. Entre alunos do ensino médio do interior do Rio Grande do Sul 86,1% têm a família como principal fonte de educação financeira. Apenas 7,7% dos entrevistados afirmaram ter aprendido algo na escola e 5,2% através de revistas, livros, TV, rádio, internet (Steiger & Braido, 2016). Segundo os autores, o fato de a educação financeira não ter caráter curricular (isso na época em que o estudo foi realizado) pode ter contribuído para o baixo percentual de aprendizado nas escolas. Atualmente a educação financeira faz parte da Base Nacional Comum Curricular do ensino médio desde 2017 (Brasil, 2017) e projetos de ensino têm

sido realizados nas escolas de Tefé. Por exemplo, um projeto de educação financeira está sendo desenvolvido com alunos do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Frei André da Costa por professores de matemática, e deve continuar com essas turmas nos anos seguintes do ensino médio. O Instituto Federal de Educação de Tefé - IFAM (AM) também oferece atividades de educação financeira aos seus alunos. Canto et al. (2018) avaliaram as respostas de alunos do último ano do ensino fundamental às atividades sobre educação financeira realizadas no Instituto Federal de Educação de Parintins - IFAM (AM). Segundo eles, a maioria dos alunos compartilha o conhecimento das atividades em casa com sua família e, portanto, este tipo de atividade pode ter também o papel de educar financeiramente os pais e familiares. Neste estudo 93,8% dos alunos afirmaram que as atividades ajudaram no controle dos seus gastos.

Apenas 30% dos entrevistados afirmaram conhecer projetos de educação financeira em suas escolas. Esse percentual foi maior nas respostas dos alunos do primeiro ano do ensino médio (60,0%) (Tabela 8). Um percentual maior (35,2%) desconhece esses projetos. Este percentual é baixo em comparação aos alunos de ensino médio de Santa Maria (RS) onde 59% deles declararam já ter participado de alguma palestra, apresentação ou discussão sobre o tema segundo Visentini & Weingartner (2018). No entanto, neste estudo os autores incluíram as atividades realizadas fora do ambiente escolar, como o familiar e social. Santos (2011) destaca que em nenhuma das quatro escolas de ensino médio de Alvorada e Porto Alegre havia atividades de educação financeira. Como esse tema foi incluído na Base Nacional Comum Curricular do ensino médio apenas a partir de 2017 (Brasil, 2017) percebe-se que as escolas estão se ajustando à nova realidade.

Tabela 8 - Presença de projeto sobre educação financeira nas escolas de Tefé, segundo alunos do ensino médio dos diferentes níveis de escolaridade.

Se escola tem ou teve projeto sobre educação financeira	Ano do ensino médio			Total
	Primeiro	Segundo	Terceiro	
Sim	42 60,0%	13 15,5%	21 21,2%	76 30,0%
Não	14 20,0%	19 22,6%	25 25,3%	58 22,9%
Não sei	13 18,6%	36 42,9%	40 40,4%	89 35,2%
Não quis responder	1 1,4%	16 19,0%	13 13,1%	30 11,9%
Total	70 100,0%	84 100,0%	99 100,0%	253 100,0%

Fonte: Autores.

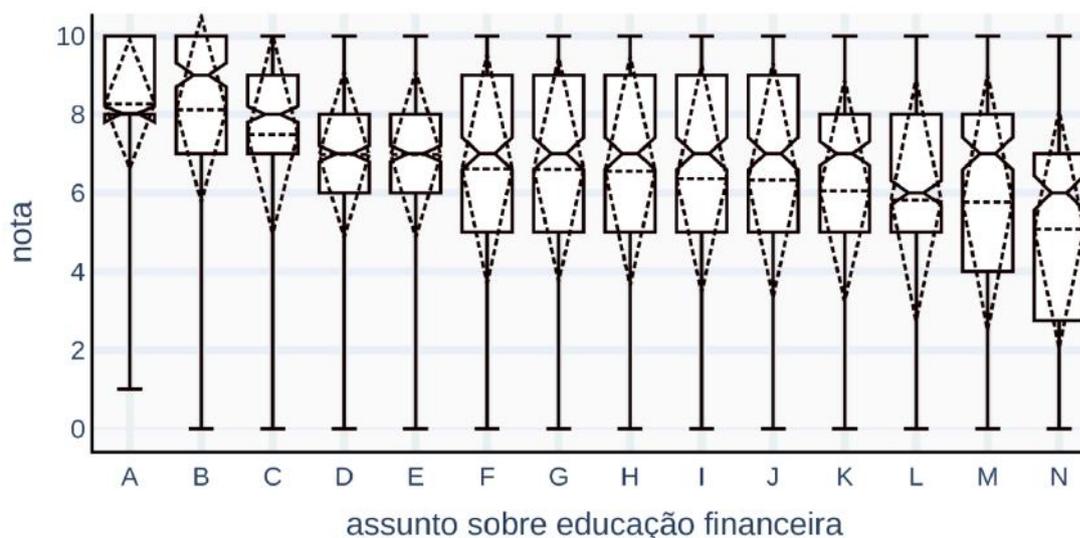
Entre os 76 alunos declararam como ocorre a educação financeira em suas escolas, 57,1% disseram que ela ocorre em disciplina específica sobre o assunto, 41,4% dentro de disciplinas que já constam na grade curricular e apenas um afirma que ela ocorre em atividades extra-classe. Embora não haja um consenso sobre a melhor forma de ensinar educação financeira nas escolas, atividades extra-classe parecem ser a regra. Por exemplo, no IFAM de Parintins (AM) as atividades relacionadas a este tema foram realizadas em forma de oficinas, totalizando seis encontros de 60 minutos (Canto et al., 2018). No interior do estado de Mato Grosso foi realizado um minicurso para alunos do ensino fundamental (Silva & Escorisa, 2017) e no interior de São Paulo foi criada uma disciplina específica para os alunos do ensino fundamental com aulas remotas devido à pandemia da COVID 19 (Mazzi & Domingues, 2021).

A percepção sobre a importância da educação financeira foi alta com 92,5% dos alunos concordando que ela deveria ocorrer em suas escolas e 93,3% considerando este assunto importante para suas vidas. Isso ocorreu apesar de apenas 76,7% dos alunos já terem ouvido falar sobre o assunto. Em Santa Maria (RS), palavras como finanças, economia, administração e contabilidade foram consideradas como assuntos interessantes para metade dos alunos entrevistados e 62,5% deles consideraram válidas iniciativas como palestras, apresentações ou discussões no ambiente escolar, familiar ou mesmo entre amigos sobre este tema (Visentini & Weingartner, 2018). Já entre alunos do ensino médio de escolas públicas de Porto Alegre

e Alvorada (RS) 93,2% consideraram importante ter esse tema abordado na escola (Santos, 2011). No Instituto Federal de Educação de Tocantins 93,8% dos alunos do ensino médio que tiveram aulas sobre educação financeira na disciplina de Matemática Financeira consideraram importante ou muito importante este assunto (Sousa et al., 2022).

Os alunos também tiveram que atribuir para si notas de 0 a 10 e que refletissem o seu conhecimento sobre alguns assuntos referentes à educação financeira. Os valores médios, medianos, desvios padrão e quartis destas notas estão representados na Figura 4. As maiores notas médias estiveram relacionadas ao que é o dinheiro e sua importância (8,3), poupar e investir (8,1) e consumo consciente, classificação dos gastos (7,5) e valorização/ desvalorização do Real (7,0). A maior nota mediana ocorreu no tema poupar e investir (9), seguida do dinheiro e sua importância e consumo consciente, classificação dos gastos (8). As piores notas médias/medianas autoatribuídas concentraram-se nos assuntos correção monetária (5,1/6,0), inflação (5,8/7,0) e receitas e obtenção de recursos (5,8/6,0). As maiores notas autoatribuídas ocorreram em assuntos mais próximos ao cotidiano de um adolescente enquanto em assuntos que demandam um maior conhecimento matemático (correção monetária/inflação) houve uma auto avaliação mais conservadora. O assunto “receitas e obtenção de recursos” ainda parece ser novidade para os entrevistados. Considerando que 73,1% deles declarou não ter nenhuma fonte de renda, presume-se que eles ou não tenham ainda pensado sobre o assunto ou não tenham tido a oportunidade de trabalho/bolsa para ganharem o próprio dinheiro. Alunos do ensino médio do interior do Rio Grande do Sul atribuíram para si nota média de 2,78 (numa escala de 1 a 5) quando questionados sobre o seu conhecimento sobre o tema “finanças pessoais”. Segundo os autores do estudo esta foi progressivamente maior entre o primeiro, segundo e terceiro anos do ensino fundamental (Steiger & Braidó, 2016). Estes autores também constataram que alunos com rendas mensais menores atribuíram notas menores para o seu conhecimento sobre finanças pessoais, enquanto alunos que recebem acima de R\$1.000,00 atribuíram notas médias maiores.

Figura 4 - Notas auto-atribuídas pelos alunos do ensino médio de Tefé (AM), de zero a dez, para cada assunto relacionado à educação financeira: (A) o que é dinheiro e sua importância; (B) poupar/investir; (C) consumo consciente, classificação dos gastos; (D) valorização/desvalorização do Real; (E) orçamento, controle de finanças, fluxo de caixa; (F) o que são impostos e taxas e sua importância; (G) prestações, pagamentos antecipados e parcelas vencidas; (H) serviços bancários; (I) juros; (J) cartão de crédito, malefícios e benefícios; (K) riscos e diversificação; (L) receitas e obtenção de recursos; (M) inflação e (N) correção monetária. As linhas contínuas indicam as medianas, quartis e notas máximas e mínimas, enquanto as pontilhadas representam as notas médias e os respectivos desvios padrão.



Fonte: Autores.

4. Considerações Finais

A amostra de alunos do ensino médio de Tefé, que responderam aos questionários, pertence majoritariamente à classe econômica baixa, não possuem nenhuma fonte de renda mas recebem algum dinheiro dos pais ou responsáveis. A maioria também afirma conversar com os seus pais sobre dinheiro e negócios e tem o hábito de economizar, que aparentemente está bastante difundida entre a população da cidade. Economizar para atingir os seus objetivos materiais está dentro do que se espera de uma boa educação financeira. Mas para a maioria dos moradores da cidade também é uma necessidade para garantir a sobrevivência da família. Portanto a discussão sobre essa realidade social precisa também ser discutida nas escolas.

Uma proporção não desprezível dos entrevistados (quase a um quinto) aparentemente desconhece os juros cobrados pelas empresas de cartão de crédito e pouco mais de um terço consideram o parcelamento de contas uma boa idéia. Este fato é preocupante, principalmente considerando os altos juros cobrados pelas instituições de crédito e pelo comércio em compras parceladas. Soma-se à preocupação o fato de os alunos terem se atribuído a menor nota justamente no tema correção monetária. Torna-se importante focar a educação financeira nesse tema também, pois ao não compreender bem como os juros funcionam, o consumidor torna-se mais suscetível ao endividamento.

As escolas de Tefé estão começando a incluir a educação financeira em seus currículos, o que atende à nova Base Nacional Comum Curricular do ensino médio, e são a principal fonte de informação sobre o assunto para a maioria dos entrevistados. Esse é um fato importante pois às vezes os seus pais também carecem de conhecimento sobre o assunto e podem acabar passando aos filhos noções incorretas. A inclusão deste assunto nas escolas abre a possibilidade de serem realizados de estudos sobre a sua influência na gestão dos recursos financeiros a longo prazo. Será possível verificar se adultos que tiveram educação financeira durante os ensinos fundamental ou médio sabem gerir melhor o seu dinheiro do que aqueles que não tiveram esta oportunidade.

Agradecimentos

Agradecemos aos gestores, alunos, e professores das escolas de ensino médio de Tefé (AM) por permitirem a realização da pesquisa e pelo tempo disponibilizado aos pesquisadores. Agradecemos também aos pais que entenderam a importância do estudo e permitiram que os seus filhos participassem respondendo aos questionários. Agradecemos também à Tectoy S.A. por ter financiado esta pesquisa.

Referências

- Augustinis, V. F., Costa, A. S. M. & Barros, D. F. (2012). Uma análise crítica do discurso de educação financeira: por uma educação para além do capital. *Revista do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial, Rio de Janeiro*, 16 (3), 79-102.
- Banco Central do Brasil - BACEN. (2013). *Caderno de Educação Financeira: Gestão de Finanças Pessoais*. Governo Federal, Banco Central do Brasil.
- Banco Central do Brasil - BACEN. (2023). *Pessoa Física - Cartão de crédito rotativo*. <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/reporttxjuros/?parametros=tipopessoa:1,modalidade:204,encargo:101>
- Bernhard, R., Fraga, E. A. G., Soares, E. R., Frazão, C. T. V., Costa, V. M. D., Silva, I. B. F., Moura, G. N., Silva, A. P., Cruz, A. N., Monteiro, J. L. S., Clarindo, M. D., Clarindo, M. D., Silva, W. P. & Freitas, S. R. S. (2022). Análise de opinião referente ao uso de ferramentas digitais por comerciantes do município de Tefé-AM. *Research, Society and Development*, 11 (2), 1-11.
- Brasil - Ministério da Educação. (2017). *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília. Ministério da Educação.
- Canto, D. S., Mendes, L. N. T., Batista, M. C. B. & Leão, L. D. (2018). Educação financeira no ensino fundamental: um estudo de caso em Parintins - AM. *Nexus Revista de Extensão do IFAM*, 4 (2), 19-30.
- Coelho, G. A., Lima, M. H. O., Medina, R.N. & Oliveira, E. L. (2019). A importância da introdução da educação financeira no ensino básico: um estudo de caso em escolas de ensino médio da zona norte de Manaus. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Escola Superior de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Amazonas.
- Cunha, M. P. (2020). O mercado financeiro chega à sala de aula: educação financeira como política pública no Brasil. *Revista Educação Social*, 41 (e218463), 1-14.
- Dal Magro, C. B., Gorla, M. C., Silva, T. P. & Hein, N. (2018). O efeito da família no comportamento financeiro de adolescentes em escolas públicas. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 12 (e142534), 1-21.
- Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). (2010). *DECRETO Nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm
- Fowler, F. J. (2009). *Survey Research Methods*. Thousand Oaks. Sage Publications, Inc.
- Fraga, E. A. G., Soares, E. R., Bernhard, R., Moraes, R. P. G., Frazão, C. T. V., Costa, V. M. D., Silva, I. B. F., Moura, G. N., Silva, A. P., Cruz, A. N., Monteiro, J. L. S., Clarindo, M. D., Clarindo, M. D., Silva, W. P. & Freitas, S. R. S. (2022). Análise do comportamento dos consumidores referente às formas de pagamento e compras pela internet em um município do interior do estado do Amazonas, Brasil. *Research, Society and Development*, 11 (4), 1-13.
- Gorla, M. C., Dal Magro, C. B., Silva, T. P. & Nakamura, W. T. (2016) A educação financeira dos estudantes do ensino médio de rede pública segundo aspectos individuais, demográficos e de socialização. *XVI Congresso de Controladoria e Contabilidade da USP*.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022). *Tefé, Amazonas, IBGE Cidades*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/tefe/panorama>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2023). *Prévia da população calculada com base nos resultados do Censo Demográfico 2022 até 25 de dezembro de 2022*. https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/POP2022_Municipios.pdf
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). (2023). *Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB): Resultados*. <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>
- Kiyosaki, R. T. & Lechter, S. L. (2000). *Pai Rico, Pai Pobre*. Elsevier Editora LTDA.
- Lima, M. L. B. (2018). Uma proposta de orientação financeira para as escolas de ensino médio do centro de Manaus inicializada pelo curso de Ciências Contábeis da universidade do estado do Amazonas. *Trabalho de conclusão de curso*. Ciências Contábeis, Universidade do Estado do Amazonas.
- Lusardi, A. & Mitchell, O. S. (2007). Financial literacy and retirement preparedness: evidence and implications for financial education programs. *Business Economics*, 2007 (42), 35-44.
- Mazzi, L. C. & Domingues, N. S. (2021). Educação financeira na educação básica: um foco nas percepções dos estudantes. *Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana*, 12 (2), 1-24.
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). (2015). *Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies*. <http://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>
- Queiroz, K. O. (2015). Centralidade periférica e integração relativizada: uma leitura de Tefé no Amazonas. *Tese de doutorado*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo.

- Rodrigues, E. A. (2011). Rede urbana do Amazonas: Tefé como cidade média de responsabilidade territorial na calha do Médio Solimões. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas.
- Santos, P. G. G. (2011). Análise do conhecimento financeiro dos alunos do ensino médio. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Serviço de Proteção ao Crédito - SPC. (2015). *Mesada como instrumento de educação financeira dos filhos*. Portal Meu Bolso Feliz, SCP. https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/analise_consumo_infantil_mesada4.pdf
- Silva, F. D. S. & Escorisa, N. V. (2017). Percepções de jovens estudantes sobre a educação financeira: um estudo em Barra do Garças-MT. *Educação Matemática Pesquisa*, 19 (1), 179-196.
- Silva, T. P., Dal Magro, C. B., Gorla, M. C. & Nakamura, W. T. (2017). Financial education level of high school students and its economic reflections. *Revista de Administração*, 52 (3), 285-303.
- Silva, C. R., Garcia, S. C., Souza, W. P, Silva, V. B. & Silva, D. I. R. (2022). Educação Financeira e sua influência entre estudantes do 1º e 2º ano do Ensino Médio em escolas públicas. *Research, Society and Development*, 11 (6), 1-13.
- Sobianek, P. S., Barrocas, L. V. C., Araújo, T. S., Ribeiro, S. P. & Tisott, S. T. (2021). Educação financeira: análise do conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes do ensino médio. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 13 (3), 23-46.
- Sousa, F. C., Castilho, W. S., Senna, M. L. G. S., Cavalcante, R. P. & Dias, R. C. (2022). Desafio: educação financeira ou sobrevivência. *Research, Society and Development*, 11 (3), 1-13.
- Sousa, R. A., Lobão, M. S. P. & Freitas, R. G. A. (2022). Educação financeira no ensino médio integrado: construindo um currículo transversal com base em temas geradores. *Educação em Revista*, 38, 1-24.
- Steiger, G. A. & Braidó, G. M. (2016). O conhecimento sobre finanças pessoais dos estudantes de ensino médio das escolas públicas da comarca de Arroio do Meio/RS. *Revista de Administração e Negócios da Amazônia*, 8 (3), 362-385.
- Toledo, A. (2021). *Estratégia nacional de educação financeira (ENEF) [livro eletrônico] : em busca de um Brasil melhor*. Riemma Editora.
- Trevisan, A. R. (2018). Educação financeira: uma proposta interdisciplinar de trabalho com o ensino médio. *Dissertação de Mestrado*. Mestrado Profissional em Educação: Processos de Ensino, Gestão e Inovação, Universidade de Araraquara.
- Vieira, S. (2016). *Introdução à bioestatística*. Elsevier Editora LTDA.
- Visentini, L. & Weingartner, T. S. (2018). Educação financeira: análise dos conhecimentos de estudantes relacionados a finanças em uma escola de ensino médio. *Revista Sociais & Humanas*, 31 (1), 81-95.